

O patrimônio instrumental transatlântico na Casa Angola-Brasil, no Centro Cultural Solar Ferrão e na Cidade da Música da Bahia, em Salvador (BA)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA
SUBÁREA: MÚSICA E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO

Catimba Matias Anacleto
Uni-Luanda, UFMG - FAPEMIG
catimbadas@gmail.com

Resumo.

Este relato de experiência descreve visitas exploratórias conduzidas por um pesquisador angolano à Casa Angola-Brasil, ao Centro Cultural Solar Ferrão e à Cidade da Música da Bahia, em Salvador (BA). O objetivo principal é analisar as dinâmicas de preservação e ressignificação de instrumentos musicais afro-diaspóricos nesses espaços, interpretando-os como arquivos materiais da memória, da resistência cultural e da ancestralidade no contexto do Atlântico Negro. Fundamentada nos pressupostos teóricos de Gilroy (2001), Hall (2006), Mbembe (2014), Agawu (2003) e Kazadi wa Mukuna (2000), a análise compreende os instrumentos musicais para além de sua dimensão sonora, interpretando-os como suportes de conhecimento e identidade. Metodologicamente, a pesquisa ancorou-se na organologia sob perspectiva histórico-cultural, associando observação direta dos acervos, análise física e estrutural dos artefatos e pesquisa bibliográfica. Os resultados indicam que instrumentos como ngomas, kissanges, atabaques, berimbaus, xquerês e kalimbas constituem vestígios materiais das conexões transatlânticas, revelando permanências culturais que resistiram ao processo da escravização. Conclui-se que a preservação do patrimônio instrumental transcende a conservação material, envolvendo a continuidade de práticas musicais, experiências comunitárias e processos de transmissão cultural. A ótica do pesquisador angolano permitiu uma leitura singular dos acervos, fortalecendo a reflexão sobre o lugar de fala e as heranças africanas compartilhadas na diáspora.

Palavras-chave: Patrimônio instrumental, Atlântico Negro, Organologia, Memória afro-diaspórica, Pesquisador angolano.

Abstract.

This experience report describes exploratory visits conducted by an Angolan researcher to the Casa Angola-Brasil, the Centro Cultural Solar Ferrão, and the Cidade da Música da Bahia, in Salvador (BA). The main objective is to analyze the dynamics of preservation and reinterpretation of Afro-diasporic musical instruments in these spaces, interpreting them as material archives of memory, cultural resistance, and ancestry in the context of the Black Atlantic. Based on the theoretical assumptions of Gilroy (2001), Hall (2006), Mbembe (2014), Agawu (2003), and Kazadi wa Mukuna (2000), the analysis understands musical instruments beyond their sonic dimension, interpreting them as supports of knowledge and identity. Methodologically, the research was anchored in organology from a historical-cultural perspective, combining direct observation of the collections, physical and structural analysis of the artifacts, and bibliographic research. The results indicate that instruments such as ngomas, kissanges, atabaques, berimbaus, xquerês, and kalimbas constitute material vestiges of transatlantic connections, revealing cultural continuities that



resisted the process of enslavement. It is concluded that the preservation of instrumental heritage transcends material conservation, involving the continuity of musical practices, community experiences, and processes of cultural transmission. The perspective of the Angolan researcher allowed for a unique reading of the collections, strengthening reflection on the place of speech and the shared African heritages in the diaspora.

Keywords: Instrumental heritage, Black Atlantic, Organology, Afro-diasporic memory, Angolan researcher.

Introdução

Este relato de experiência resulta de uma visita realizada ao Estado da Bahia, em 2025, motivada pelo interesse em compreender as heranças musicais associadas ao processo transatlântico e às relações históricas e culturais entre Angola e Brasil. A oportunidade surgiu durante a participação na Escola Doutoral Fábrica de Ideias, promovida pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ocasião em que foi sugerida a visita à Casa da Música, ao Solar Ferrão e à Casa Angola-Brasil, espaços reconhecidos pela preservação de importantes acervos vinculados à memória afro-diaspórica.

Partimos da compreensão de que as relações entre Angola e Brasil foram historicamente construídas por intensos fluxos humanos, culturais e simbólicos produzidos pelo contexto do tráfico transatlântico. Nesse cenário, conforme argumenta Gilroy (2001), o Atlântico Negro constitui não apenas um espaço geográfico, mas uma rede de produção cultural e de resistência que conecta diferentes territórios da diáspora africana. Sob essa perspectiva, os espaços culturais de Salvador revelam-se como importantes lugares de preservação e circulação de memórias que testemunham a continuidade e a transformação de práticas culturais afro-atlânticas.

Embora existam numerosos estudos sobre a diáspora africana e o patrimônio cultural afro-brasileiro, ainda são escassas as investigações que analisam os instrumentos musicais preservados em instituições culturais como arquivos materiais da memória transatlântica entre Angola e Brasil. Tal lacuna torna-se particularmente relevante quando se considera que esses artefatos ultrapassam sua dimensão funcional e estética, constituindo registros históricos, culturais e simbólicos das experiências vividas pelas populações afrodescendentes.



Nesse sentido, dentro dessa teia diaspórica, a musicalidade desponta como uma das principais linguagens de preservação e transmissão da memória coletiva (Nora, 1993). Dessa forma, os instrumentos musicais preservados nesses espaços transcendem a condição de simples objetos museológicos, pois incorporam narrativas de ancestralidade, resistência, pertencimento e ressignificação cultural.

Diante disso, emerge a seguinte questão de investigação: de que maneira os artefatos sonoros abrigados na Casa Angola-Brasil, no Centro Cultural Solar Ferrão e na Cidade da Música da Bahia funcionam como arquivos materiais capazes de revelar processos de memória, resistência e ressignificação da ancestralidade no contexto do Atlântico Negro?

O objetivo deste relato de experiência é analisar como a Casa da Música, o Solar Ferrão e a Casa Angola-Brasil preservam e ressignificam instrumentos musicais afro-diaspóricos, compreendendo-os como arquivos materiais da memória, da resistência cultural e da ancestralidade no contexto do Atlântico Negro. Para interpretar esses processos, mobiliza-se a concepção de identidade diaspórica proposta por Stuart Hall (2006), que ao discutir a identidade diaspórica, afirma que ela se constitui na “experiência da dispersão e da fragmentação que é a história de todas as diásporas forçadas” (HALL, 2006, p. 23). A diáspora deve ser compreendida, portanto, não somente como deslocamento territorial, mas como uma experiência histórica marcada por separações, rupturas e reconstruções culturais.

O estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e histórico-cultural, apresentada na forma de relato de experiência de campo. O corpus da investigação foi constituído pelos instrumentos musicais, recursos expositivos e práticas de mediação observados na Casa Angola-Brasil, no Centro Cultural Solar Ferrão e na Cidade da Música da Bahia, em Salvador (BA).

A produção dos dados ocorreu por meio da observação direta dos acervos e dos ambientes de exposição, da leitura das informações institucionais associadas aos objetos e do registro descritivo das experiências vivenciadas durante o percurso de campo. Quando autorizado, o levantamento foi complementado por registros fotográficos. Considerando que os instrumentos se encontravam musealizados e não puderam necessariamente ser manipulados, a análise incidiu principalmente sobre suas características visuais e morfológicas, formas de exposição, nomenclaturas, materiais aparentes e contextos de mediação.



A análise organológica foi desenvolvida em perspectiva crítica e histórico-cultural. Em lugar de limitar os artefatos aos mecanismos de produção sonora, foram consideradas seis dimensões: a) materiais e formas construtivas; b) nomenclaturas atribuídas aos instrumentos; c) modos de exposição e contextualização museológica; d) relações entre instrumento, corpo e performance; e) processos de transmissão e mediação cultural; f) sentidos de memória, ancestralidade e resistência atribuídos aos objetos.

O procedimento comparativo não buscou estabelecer filiações lineares ou origens únicas entre instrumentos africanos e afro-brasileiros. Procurou identificar aproximações, diferenças, permanências técnicas e processos de ressignificação ocorridos durante as circulações atlânticas. A interpretação foi sustentada pela organologia, pela musicologia africana, pelos Estudos Culturais e pelos estudos da diáspora, em diálogo com Gilroy (2001), Hall (2003), Mukuna (2000), Agawu (2003; 2016), Kubik (1979) e Taylor (2003).

Percursos de campo: vivências e observações nos espaços culturais

O percurso de campo foi realizado em Salvador (BA), em Setembro de 2025, durante uma permanência vinculada à Escola Doutoral Fábrica de Ideias. Nesse período, foram visitadas a Casa Angola-Brasil, o Centro Cultural Solar Ferrão e a Cidade da Música da Bahia. A observação concentrou-se na disposição museológica dos instrumentos, nas informações disponibilizadas pelas instituições, nos materiais e nas formas construtivas dos artefatos e, quando possível, nas relações estabelecidas entre instrumentos, mediadores e visitantes. As observações foram registradas por meio de notas de campo, registros fotográficos e anotações descritivas, respeitando as normas de visitação e de utilização de imagens de cada instituição.

A entrada nesses espaços foi também atravessada pela minha posição como pesquisador angolano. Essa condição orientou a atenção para nomes, materiais, técnicas construtivas e formas de exposição que remetiam a experiências musicais conhecidas em Angola. Em vez de assumir essas aproximações como provas automáticas de uma origem comum, procurei tratá-las como questões de investigação, observando continuidades, transformações e novas atribuições de sentido produzidas no contexto afro-brasileiro.

A análise das relações históricas e culturais entre Angola e Brasil por meio da cultura material suscita uma questão metodológica central: como a observação de instrumentos preservados em acervos museológicos pode produzir conhecimento musical relevante? A



resposta encontra-se na compreensão dos instrumentos musicais como documentos históricos capazes de registrar trajetórias culturais, processos de circulação de saberes e formas de resistência construídas ao longo do Atlântico Negro.

Segundo Kazadi wa Mukuna (2000), os instrumentos musicais não constituem apenas suportes sonoros, mas veículos de transmissão de cosmovisões, memórias e conhecimentos acumulados por diferentes gerações. Seus materiais, formas construtivas e contextos de utilização revelam redes históricas de intercâmbio cultural que ultrapassam fronteiras nacionais e temporais. Sob essa perspectiva, os acervos visitados tornam-se espaços privilegiados para a compreensão das permanências e transformações das matrizes musicais africanas na diáspora.

Casa Angola-Brasil

Entre os espaços visitados, a Casa Angola-Brasil representa a conexão mais direta entre os dois polos geográficos que estruturam esta investigação. Instalada no histórico Solar do Gravatá, em Salvador, a instituição desempenha um papel fundamental na preservação e difusão das heranças culturais angolanas no contexto afro-brasileiro.

Do ponto de vista organológico, o acervo visitado revela uma exposição cuidadosa que materializa os fluxos culturais do Atlântico Negro (Gilroy, 2001). Mais do que um espaço expositivo, a instituição atua como um lugar de articulação simbólica entre passado e presente, promovendo exposições que reforçam os vínculos históricos. A observação revelou uma seção dedicada às tradições musicais centro-africanas, onde os artefatos são contextualizados por textos explicativos e imagens de arquivo. Entre os exemplares, destacam-se os *ngomas*, tambores de tronco escavado de grande porte, dispostos lado a lado, evidenciando suas formas construtivas e sistemas de tensão de pele, acompanhados de uma coleção de *kissanje* (pianos de polegar), com lâminas de metal e caixas de ressonância de madeira, cuja presença materializa a resistência cultural de matriz Bantu. A relevância desses artefatos ultrapassa sua função sonora, uma vez que constituem evidências materiais das continuidades culturais estabelecidas entre os territórios africanos e as práticas musicais desenvolvidas no Brasil.

Conforme argumenta Kirshenblatt-Gimblett (1998), os objetos musealizados não perdem significado ao serem deslocados de seus contextos originais; ao contrário, passam a produzir novas camadas de interpretação. Nesse sentido, os instrumentos observados atuam como suportes de memória e pertencimento, permitindo identificar permanências tecnológicas, estéticas e simbólicas que atravessaram o processo histórico da diáspora africana.

Centro Cultural Solar Ferrão

O Centro Cultural Solar Ferrão abriga a Coleção de Instrumentos Musicais Tradicionais Emília Biancardi, um dos mais importantes acervos organológicos do Brasil. Resultado de décadas de pesquisa e documentação etnomusicológica, a coleção reúne instrumentos provenientes de diferentes contextos culturais, com destaque para exemplares indígenas, africanos e afro-brasileiros.

A organização do acervo segue uma metódica classificação temática, com instrumentos dispostos em expositores que facilitam a análise comparativa. A distribuição temática da exposição permite compreender os instrumentos não apenas como objetos sonoros, mas como expressões materiais de sistemas culturais específicos. Particularmente relevante para esta pesquisa é o módulo dedicado aos instrumentos africanos e afro-brasileiros. Nele encontram-se exemplares de diferentes tipologias, como berimbaus de barriga e berimbaus de peito, dispostos em pé, revelando a diversidade das cabaças e arcos de madeira. Ao lado, em expositores de vidro, estão coleções de *koras* (harpas-alaúdes) da África Ocidental e diversos *atabaques* (tambores cônicos e cilíndricos de pele amarrada) e *xequerês* (cabaças com rede de contas), cuja presença demonstra a permanência de matrizes organolépticas africanas em diferentes contextos da diáspora.

A análise desse conjunto permite compreender que a sobrevivência dessas tradições não se restringe à preservação física dos instrumentos. Conforme propõe Floyd (1995), os processos diaspóricos também preservaram estruturas organizacionais do fazer musical, padrões rítmicos e formas coletivas de performance. Dessa maneira, os instrumentos observados tornam-se evidências materiais de uma memória cultural continuamente recriada ao longo do tempo.

Cidade da Música da Bahia

A Cidade da Música da Bahia apresenta uma proposta museológica distinta dos modelos expositivos convencionais. Ao combinar acervo histórico, recursos multimídia e experiências participativas, a instituição promove uma aproximação dinâmica entre patrimônio musical e comunidade.

A relevância do espaço para esta investigação reside sobretudo na possibilidade de observar os instrumentos em contexto de uso e experimentação. Diferentemente dos modelos museológicos centrados exclusivamente na contemplação, a instituição permite que determinados instrumentos afro-diaspóricos sejam tocados e explorados pelos visitantes. A

experiência observada revelou uma sala interativa onde um músico experiente guiava visitantes, incluindo crianças e adultos, na execução prática de atabaques e xquerês. O ambiente era de oralidade e corpo em movimento, onde a textura rítmica e a corporalidade eram transmitidas diretamente.

Essas experiências demonstram que a preservação do patrimônio musical não depende apenas da conservação material dos objetos, mas também da transmissão prática dos conhecimentos associados ao seu uso. Os atabaques, ngomas e demais instrumentos presentes nas oficinas demonstram que o patrimônio sonoro permanece vivo na medida em que continua sendo executado, ensinado e compartilhado.

Tal dinâmica aproxima-se da noção de "repertório" desenvolvida por Diana Taylor (2003), segundo a qual a memória cultural é transmitida não apenas por arquivos físicos, mas também por práticas corporais. Do mesmo modo, a experiência observada dialoga com os princípios da museologia comunitária defendidos por Hugues de Varine (2012), ao reconhecer as comunidades como protagonistas na preservação e transmissão de seus patrimônios culturais.

Nessa perspectiva, os instrumentos musicais analisados deixam de ser compreendidos apenas como objetos museológicos e passam a ser interpretados como arquivos vivos da memória afro-atlântica. A observação dos acervos confirma que esses artefatos continuam desempenhando funções sociais, identitárias e simbólicas fundamentais, preservando conhecimentos ancestrais e reafirmando os vínculos históricos que conectam Angola, Bahia e a diáspora africana.

Instrumentos musicais como rastros de memória e resistência no atlântico negro

As abordagens contemporâneas sobre acervos museológicos têm progressivamente se afastado da lógica da exibição etnográfica estática que marcou parte da tradição ocidental. Historicamente, essa perspectiva esteve associada a sistemas classificatórios como o de Hornbostel e Sachs (1914, P. 553-590), cuja relevância para a organização organológica é inegável, mas que frequentemente privilegiou critérios morfológicos e acústicos em detrimento das dimensões sociais, históricas e culturais dos instrumentos musicais.



Conforme observa Agawu (2016), determinadas classificações podem reduzir os instrumentos à sua materialidade sonora, obscurecendo os universos simbólicos e epistemológicos que lhes atribuem sentido. Nesse contexto, o autor recomenda “contrariar a tendência de empregar categorias metropolitanas em detrimento das indígenas” (AGAWU, 2016, p. 82, tradução nossa).

As categorias externas de representação e classificação não constituem instrumentos neutros, pois impõem determinadas associações aos objetos musicais e podem obscurecer os sistemas de conhecimento das comunidades africanas. O autor defende, portanto, uma abordagem centrada nas nomenclaturas, concepções simbólicas e universos cognitivos locais.

Em contraposição, a Musicologia Africana e os estudos decoloniais propõem uma hermenêutica mais ampla dos artefatos musicais, reconhecendo-os como portadores de memória, conhecimento e experiência histórica acumulada. Nessa direção, Mapaya (2014) defende que os instrumentos musicais africanos devem ser interpretados a partir dos contextos culturais que lhes atribuem função e sentido. Sob essa óptica, os acervos da Casa Angola-Brasil, do Solar Ferrão e da Cidade da Música da Bahia revelam-se não como simples depósitos de objetos, mas como espaços de preservação de memórias coletivas e de narrativas historicamente construídas ao longo das rotas tecidas pelo Atlântico Negro.

A análise desses espaços, à luz da denominada filosofia do rastro (Benjamin, 2006; Ginzburg, 2012; Vecchi & Ribeiro, 2011), permite compreender os instrumentos musicais como vestígios materiais de experiências sociais que sobreviveram aos processos de deslocamento, violência e dispersão característicos da diáspora africana. Mais do que testemunhos do passado, esses artefatos materializam processos contínuos de recriação cultural, evidenciando aquilo que Mbembe (2014) identifica como a permanente reinvenção das identidades negras em contextos transatlânticos.

As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram significativas aproximações entre diversos instrumentos preservados nos acervos visitados e aqueles tradicionalmente associados às culturas musicais angolanas. A permanência dessas matrizes organológicas em práticas musicais contemporâneas da Bahia reforça a argumentação de Kazadi wa Mukuna (2000), de que o tráfico transatlântico, promoveu além do deslocamento forçado de pessoas, a circulação de instrumentos, técnicas e padrões rítmicos. Por meio de uma abordagem





comparativa, o autor identifica continuidades e transformações relacionadas ao berimbau, à cuíca e ao agogô, bem como a práticas como a capoeira, o samba e o maracatu.

Na ausência de registros escritos produzidos pelos próprios sujeitos submetidos à escravização, muitos dos instrumentos observados assumem a condição de arquivos materiais da memória afro-atlântica. Tambores, berimbaus, xequerês, kalimbas e outros artefatos preservados nesses espaços constituem evidências concretas de saberes, práticas e cosmologias que resistiram às tentativas históricas de apagamento cultural. Nesse sentido, dialogando com Mbembe (2014), é possível compreender tais instrumentos como formas materiais de afirmação de subjetividades negras que sobreviveram aos processos de desumanização impostos pela experiência colonial e escravista.

Essa reflexão adquire uma dimensão adicional quando articulada às contribuições de Grada Kilomba (2019), especialmente no que se refere às questões sobre "lugar de fala", memória e produção de conhecimento. A experiência de observar esses acervos a partir da condição reflexiva de pesquisador angolano permitiu reconhecer, nos objetos preservados do outro lado do Atlântico, elementos que remetem a histórias, práticas e referências culturais compartilhadas. Tal posicionamento não compromete a análise científica; ao contrário, evidencia a importância de reconhecer os diferentes lugares de enunciação envolvidos na construção do conhecimento sobre a diáspora africana.

Sob essa ótica, os espaços culturais visitados em Salvador podem ser compreendidos, conforme propõe Muniz Sodré (1988), como "territórios existenciais" nos quais a memória negra não apenas foi preservada, mas continuamente reorganizada e atualizada por meio das práticas culturais. Os instrumentos musicais aí conservados constituem arquivos vivos que conectam passado e presente, África e diáspora, memória e resistência.

Dessa forma, os acervos analisados demonstram que o patrimônio instrumental afro-diaspórico ultrapassa a condição de mera coleção museológica. Trata-se de um campo dinâmico de produção de sentidos, capaz de revelar continuidades históricas, reafirmar pertencimentos culturais e ampliar as possibilidades de interpretação das relações entre Angola e Brasil. A investigação desses arquivos materiais reforça, por fim, a necessidade de ampliar a participação de pesquisadores africanos e afro-diaspóricos nos estudos sobre patrimônio musical, contribuindo para a construção de narrativas mais plurais acerca das experiências históricas compartilhadas entre os dois lados do oceano.



Considerações finais

Este estudo analisou de que maneira os instrumentos musicais preservados na Casa Angola-Brasil, no Centro Cultural Solar Ferrão e na Cidade da Música da Bahia podem ser interpretados como arquivos materiais da memória afro-atlântica. A comparação entre os três espaços demonstrou que a preservação do patrimônio instrumental não ocorre de uma única forma, mas por meio de diferentes práticas de exposição, documentação, mediação e transmissão cultural.

Na Casa Angola-Brasil, os *ngomas* e *kissanjes* integram uma narrativa de aproximação histórica e simbólica entre Angola e Brasil, tornando visíveis heranças culturais centro-africanas frequentemente marginalizadas nas narrativas convencionais sobre a formação musical brasileira. No Centro Cultural Solar Ferrão, a disposição comparativa dos instrumentos favorece o conhecimento de diferentes tipologias, materiais e formas construtivas, mas também evidencia os limites de uma preservação centrada predominantemente na contemplação. Na Cidade da Música da Bahia, a possibilidade de acompanhar práticas de mediação com atabaques e xquerês mostrou que o patrimônio se mantém vivo quando os instrumentos são inseridos em experiências de escuta, execução, movimento corporal e aprendizagem coletiva.

O principal resultado da pesquisa consiste, portanto, na identificação de três modalidades complementares de patrimonialização: a articulação memorial e histórica, a conservação museológica e a ativação performativa. Esses modos não devem ser compreendidos como opostos, mas como dimensões que, quando articuladas, permitem preservar simultaneamente os objetos, as narrativas, as técnicas de execução e os conhecimentos sociais associados aos instrumentos.

A análise também mostrou que os instrumentos afro-diaspóricos não devem ser tratados como provas de sobrevivências africanas intactas ou de origens lineares. Os *ngomas*, *kissanjes*, atabaques, xquerês e berimbaus evidenciam processos complexos de continuidade, adaptação e ressignificação. Suas formas, materiais e mecanismos sonoros conservam rastros de conhecimentos históricos, mas os sentidos que assumem no Brasil são continuamente reconstruídos nas práticas comunitárias, educativas, religiosas, artísticas e museológicas. Dessa maneira, a cultura afro-brasileira não aparece como simples reprodução de um passado africano, mas como produção histórica marcada pela criatividade, pela resistência e pela transformação.

A experiência de campo também reforçou a importância de considerar o posicionamento do pesquisador na produção do conhecimento. A observação realizada por um pesquisador angolano possibilitou reconhecer familiaridades terminológicas, construtivas e simbólicas, mas exigiu cautela para não converter semelhanças em filiações automáticas. Essa posição contribuiu para formular novas perguntas sobre os objetos e para ampliar a participação de perspectivas africanas na interpretação do patrimônio musical afro-brasileiro.

Por seu caráter exploratório, o estudo não pretende apresentar um inventário completo dos acervos nem estabelecer genealogias definitivas entre os instrumentos observados. Investigações futuras poderão aprofundar a documentação organológica, realizar entrevistas com músicos, mediadores, curadores e comunidades e acompanhar os instrumentos em contextos de performance. Ainda assim, os resultados demonstram que preservar o patrimônio instrumental afro-diaspórico significa conservar não apenas objetos, mas também nomes, gestos, técnicas, memórias, experiências coletivas e formas de pertencimento que continuam conectando Angola, Bahia e o espaço mais amplo do Atlântico Negro.

Referências

- AGAWU, Kofi. Representing African music: postcolonial notes, queries, positions. New York: Routledge, 2003.
- AGAWU, Kofi. The African imagination in music. New York: Oxford University Press, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BLACKING, John. How musical is man? Seattle: University of Washington Press, 1973.
- FLOYD Samuel. The power of black music: interpreting its history from Africa to the United States. New York: Oxford University Press, 1995.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, Lisboa, n. 1, p. 21–35, 2006.
- HORNBOSTEL, Erich Moritz von; SACHS, Curt. Systematik der Musikinstrumente: ein Versuch. Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, v. 46, p. 553-590, 1914.



KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. Destination culture: tourism, museums, and heritage. Berkeley: University of California Press, 1998.

KUBIK, Gerhard. Angolan traits in Black music, games and dances of Brazil: a study of African cultural extensions overseas. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979.

MAPAYA, Madimabe Michael. Indigenous African music: a conceptual and definitional analysis. Mediterranean Journal of Social Sciences, Roma, v. 5, n. 20, p. 2033-2039, 2014.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MUKUNA, Kazadi wa. Contribuição bantu na música popular brasileira: perspectivas etnomusicológicas. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

NKETIA, Joseph Hanson Kwabena. The music of Africa. New York: W. W. Norton, 1974.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

SMALL, Christopher. Musicking: the meanings of performing and listening. Hanover: Wesleyan University Press, 1998.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

TAYLOR, Diana. The archive and the repertoire: performing cultural memory in the Americas. Durham: Duke University Press, 2003.

VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VECCHI, Roberto; RIBEIRO, Margarida Calafate (org.). Antologia da memória poética da guerra colonial. Porto: Afrontamento, 2011.

